

O espaço na literatura: um estudo do romance *A ferro e fogo*

Ivânia Campigotto Aquino

Universidade de Passo Fundo (UPF), Passo Fundo, Rio Grande do Sul, Brasil
ivania@upf.br

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v45i3.650>

Resumo

Este artigo aborda questões relativas ao romance. Consiste num estudo da origem e dos elementos estruturais do gênero e da sua importação para o Brasil e o Rio Grande do Sul, destacando a principal característica que se observa na história da literatura gaúcha: a aproximação com imagens do passado. Como base de verificação dessa característica, selecionou-se o romance *A ferro e fogo*, de Josué Guimarães, o qual é analisado levando-se em consideração a forma, a temática e o seu pertencimento ao subgênero romance histórico. Ao se examinar a estruturação do discurso, observou-se que a história narrada se articula em torno de dois eixos nucleares: a família e o trabalho. Dentre as questões que surgem nesta análise destaca-se o encontro do épico e do dramático como ponto central na construção narrativa.

Palavras-chave: gênero textual; romance; estrutura narrativa; colonização; etnia alemã.

Space in Literature: a Study of the Novel *A ferro e fogo*

Abstract

This paper addresses issues regarding novel. It is a study on the origins of its structural elements, as well as on its relevance to Brazil and Rio Grande do Sul, focusing on the main feature observed in the history of the state's literature: its proximity to images from the past. In order to recognise such characteristic, the novel *A ferro e fogo* by Josué Guimarães was chosen and analysed considering its form, theme and attachment to the subgenre known as historical novel. The scrutiny of its discursive structure revealed that the narrated story is articulated around two main foundations: family and work. From the issues aroused throughout this analysis, the encounter of the epic and the dramatic as the key element in the narrative construction is highlighted.

Keywords: textual genre; novel; narrative structure; colonization; german ethnicity.

Literatura e Geografia

É preciso buscar novas orientações para focalizar o gênero romance, uma vez que esse sempre se qualifica em sua construção. O debate relativo à questão da renovação conceitual e metodológica de abordagem da literatura muito se enriquece com as pesquisas do crítico italiano Franco Moretti, o qual, definindo literatura como um fenômeno cultural, busca um método de estudá-la capaz de fazê-la manifestar-se em sua estrutura e na interpretação do contexto a que se refere. Sob essa concepção, propõe uma análise do romance com base na Geografia. Nesse sentido, sua compreensão é de que “a geografia não é um recipiente inerte, não é uma caixa onde a história cultural ‘ocorre’, mas uma força ativa, que impregna o campo literário e o conforma em profundidade” (MORETTI, 2003, p. 13).

Sua ideia-síntese é elaborar mapas de romances. Com essa ferramenta intelectual

é possível mapear as narrativas ficcionais, construindo, por esse meio, uma conexão visível entre Geografia e Literatura. Assim, a imagem criada faz emergir, do universo narrado, os elementos que ajudam a esclarecer as relações de espaço e personagens construídas na ação que estrutura um romance e interpretar a visão do autor acerca do tempo histórico representado.

Em *Atlas do romance europeu 1800-1900*, Moretti (2003) explica que a geografia literária pode se referir a dois aspectos muito diferentes: "Pode indicar o estudo do espaço na literatura; ou ainda, da literatura no espaço. No primeiro caso, a dominante é ficcional. [...]. No segundo caso, é um espaço histórico real" (MORETTI, 2003, p. 13). Em ambos os casos, a questão principal é descobrir como a geografia configura a estrutura narrativa do romance. Trata-se de usar mapas sistematicamente para interpretar o enredo de um romance. Os mapas são ferramentas analíticas

[...] que dissecam o texto de uma maneira incomum, trazendo à luz relações que de outro modo ficariam ocultas. Um bom mapa vale mil palavras, dizem os cartógrafos, e eles estão certos: porque ele produz mil palavras: levanta dúvidas, ideias. Coloca novas questões e nos força a buscar novas respostas" (MORETTI, 2003, p. 14).

O método de estudo para se elaborar a geografia literária consiste, primeiro, em selecionar um aspecto textual; depois, em encontrar os dados sobre esse aspecto, colocá-los no papel e, finalmente, examinar o mapa, tecendo uma interpretação da construção visual.

A Literatura e a Geografia constroem uma relação que remete à configuração dos espaços no interior da narrativa, sendo possível, por meio disso, situar o fenômeno literário que se manifesta nos romances. Nessa proposta, essas duas áreas do conhecimento se entrelaçam à medida que certos dados e recursos que são familiares a geógrafos passam a ser instrumentos para a análise literária. Assim, é certo que a geografia é ressignificada na sua função.

Neste estudo, seguindo a proposta de Moretti, os mapas, construídos como ilustração do romance *A ferro e fogo*, de Josué Guimarães, surgem dos aspectos textuais que, inicialmente, foram selecionados. Para explicá-los, descrevem-se os principais espaços que circunscrevem as ações das personagens, colocando em evidência, dessa forma, as dimensões físico-espaciais que compõem a estrutura interna do romance. Assim, analisa-se o espaço na literatura que explicita versões da colônia e dos demais lugares onde os alemães se encontram, sendo a Colônia Alemã de São Leopoldo, Chuí e Porto Alegre os principais. Esse é o espaço onde a dominante é a ficcional, como diferencia Moretti (2003) ao dizer que também há o espaço histórico real, quando o estudo é sobre a literatura no espaço. Na sequência da interpretação dos mapas, faz-se uma leitura do modo como Josué Guimarães aproveitou o espaço na construção do enredo.

Dos reinos germânicos para São Leopoldo

A ferro e fogo é considerado, pela crítica literária, o romance definitivo sobre a imigração alemã no Rio Grande do Sul, na primeira metade do século XIX. Para Antônio Hohlfeldt (1997, p. 65), o romance "regista a epopeia de uma anônima legião de colonizadores alemães que aqui aportou, enganada com promessas de realização material e espiritual".

Segundo Martins (1997), *Tempo de solidão e Tempo de guerra* abordam a imigração alemã como o movimento sociopolítico que determinou o processo de modernização do RS. O imigrante é responsabilizado a colocar em prática uma nova cultura, uma nova religião, uma nova tradição (PAES, 1992). Espera-se da etnia o trabalho de agente civilizador.

Numa narrativa com forma de saga, vinculando-se ao romance histórico, Josué Guimarães dialoga com o real ao apresentar o grupo das personagens alemãs como imitação do grupo dos primeiros imigrantes que chegaram ao Rio Grande do Sul, em julho de 1824. Na ficção e na realidade, os sujeitos alemães passam um longo tempo em navios e desembarcam nas terras da extinta Real Feitoria de Linho Cânhamo, no Faxinal do Courita.

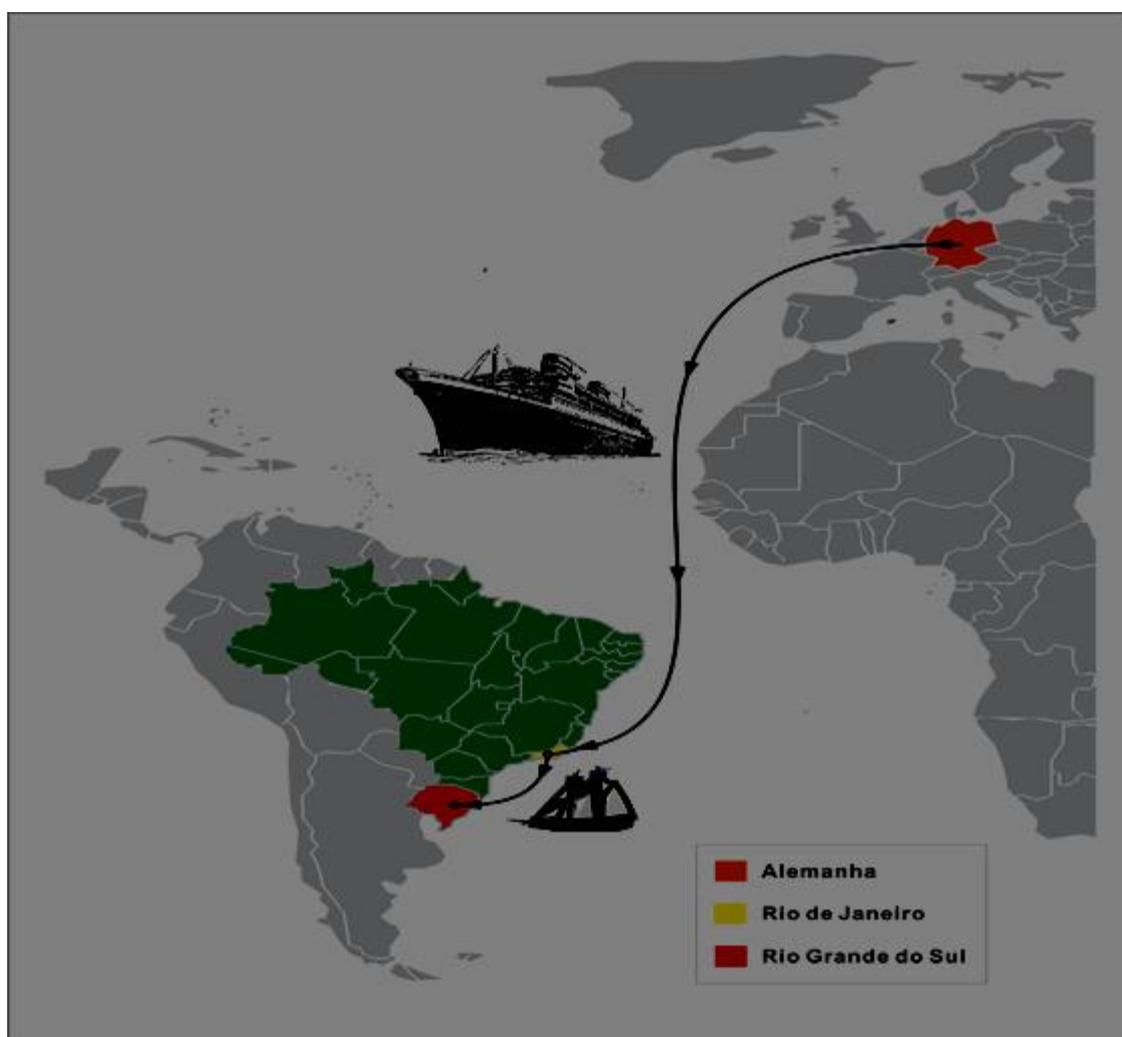


Figura 1 – Travessia atlântica dos reinos germânicos para o Brasil/Rio Grande do Sul

A figura 1 indica, de imediato, uma particularidade do enredo: as dimensões transatlânticas da travessia e o desembarque no Rio Grande do Sul conferem à narrativa contornos de uma construção épica. Esses contornos não são verificáveis nas narrativas antecedentes. Na de Josué, as lembranças e as sensações do que aconteceu na viagem invadem, seguidamente, a memória das personagens, transformando, assim, o espaço e o tempo que definiriam a navegação num elemento essencial para a forma do enredo (épica).

Entretanto, se por esse mapa perguntarmos sobre como o romance de Josué se separa ou se aproxima das obras literárias de mesma temática que o antecederam, chegaremos a um padrão de referência ao espaço e ao tempo histórico. O padrão é de aproximação, pois também os outros romances que narram a saída do povo dos reinos germânicos e a sua fixação em São Leopoldo, apenas sem as vivências da viagem no navio. Deduz-se, nesses, o deslocamento, mas não se tem as memórias. Lembremos que todos situam suas personagens nesses dois espaços geográficos, que são o de saída e o de chegada e a posterior fixação. Também situam-nas no tempo de início do processo de colonização, tendo, todas elas, integrado os primeiros grupos de imigrantes.

Recrutados em seus estados germânicos pelo Major Jorge Antônio Schaeffer, partem para o Brasil. São embarcados no navio *Wilhelmine*, que os transporta até o Rio de Janeiro, de onde seguem a Porto Alegre na sumaca *São Francisco de Paula*. Pelo Sinos, continuam navegando até o destino final: Colônia Alemã de São Leopoldo, trajeto este representado na figura 2.

O narrador traz a primeira indicação textual de que as personagens imigrantes dirigem-se a um local isolado, cujo acesso só é possível por rio. Essa concepção de espaço será manifestada e reforçada ao longo da narrativa, participando diretamente na construção das personagens.

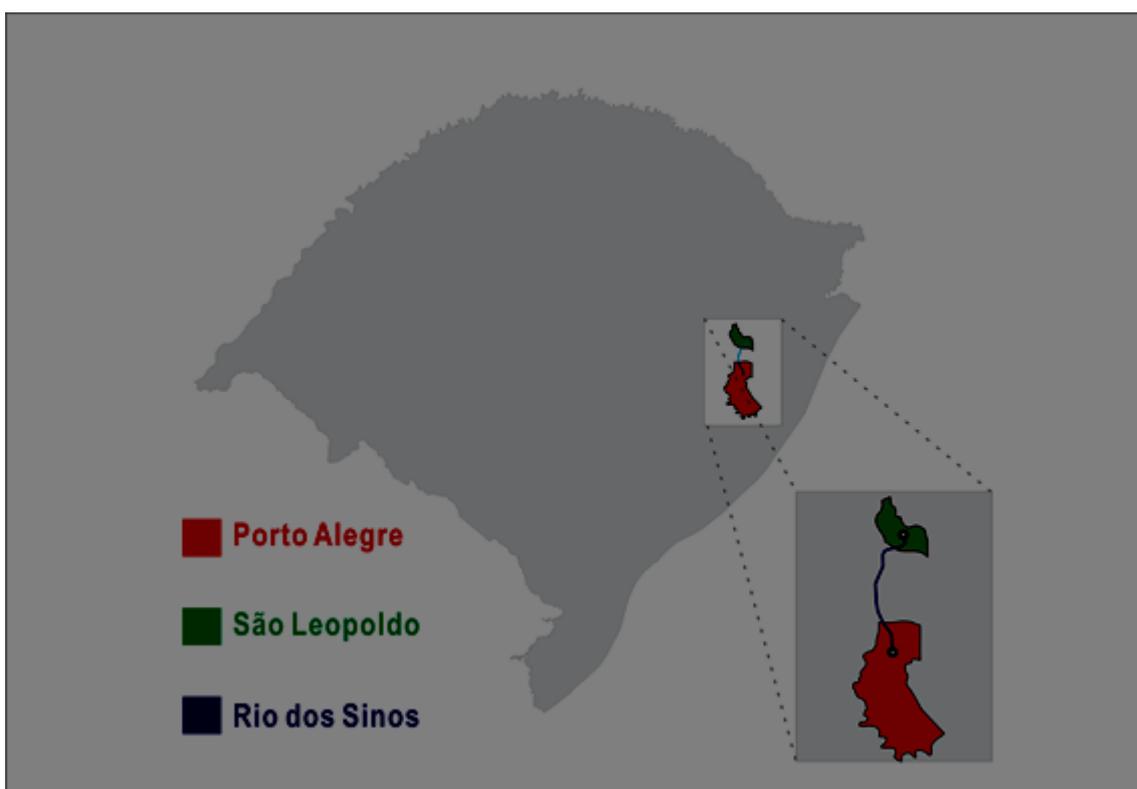


Figura 2 – Movimento inicial dos imigrantes no RS

A figura 2 demonstra que os imigrantes passam a residir no local onde o imperador dom Pedro I determina que se crie a primeira colônia alemã da então província de São Pedro, obedecendo ao que se anunciava na proposta de colonização das terras do sul do Brasil recém-independente de Portugal. Nesse espaço, as personagens iniciam as suas trajetórias de colonizadores.

As autoridades locais providenciam a desocupação da área, que era habitada por negros, a fim de que os imigrantes possam ocupá-la. Transfere-se para o Rio de Janeiro o que era da Feitoria e que não seria deixado para os novos moradores. “Dali para frente a terra seria dos alemães mandados buscar pelo imperador, senhor do continente; a eles caberiam as dores e as alegrias daquela beirada de serra onde índios e tigres espreitavam, enchendo as noites de rumores estranhos, de gelados silêncios” (GUIMARÃES, 2006, p. 8). A terra doada tem estes limites geográficos:

Todo o Faxinal de Courita [...] com duas léguas de comprimento pela costa do rio dos Sinos; mais um campo fechado ao norte pelo mesmo rio, tudo somando seis ou sete léguas de circunferência; mais um mato que fazia frente ao mesmo campo, com uma légua de fundo para noroeste (GUIMARÃES, 2006, p. 8).

Na Colônia, as famílias têm como suas primeiras habitações os casebres dos escravos que trabalharam na Feitoria. O novo lar, a terra da fartura, como ouviram dizer quando foram recrutados, é uma decepção. Embora a explicação seja de que não passaria de uma instalação provisória, os imigrantes se debatem com uma demora imprevista para ter suas casas e os demais bens e objetos que o governo prometeu ao oferecer-lhes a terra, como nos explica o narrador:

Na brumosa manhã do dia seguinte, domingo, o seleiro Schneider e os outros trataram de voltar aos casebres da extinta Real Feitoria do Linho Cânhamo, no Faxinal da Courita, onde há mais de três meses aguardavam que o governo cumprisse com o que lhes fora prometido na Alemanha: uma colônia, de terras de papel passado, alguma ferramenta, sementes e animais domésticos (GUIMARÃES, 2006, p. 8).

O clima da espera atribui ao lugar uma força sufocante, que age sobre o ânimo dos moradores inconformados.

Na Colônia, o ambiente forma-se entre conhecidos, uma vez que vivem na comunidade somente os da mesma etnia. Falam sua língua de origem, socializam as mesmas preocupações com relação às terras, às moradias, à alimentação, expressam sentimentos comuns, como os que os invadem quando sentem as ausências da terra natal.

A mulher, nesse espaço, assume um papel fundamental na formação da comunidade, como sugere a função da personagem Catarina. Suas atitudes corroboram as ideias dos pesquisadores das mulheres imigrantes nas colônias.

O que as personagens vivenciam no início da narrativa entrelaça tempo e espaço. A saída dos reinos germânicos não significou um movimento apenas no espaço, mas também no tempo, pois estão mergulhadas no primeiro estágio de desenvolvimento da então Província, cabendo-lhes, para sobreviver e progredir, transformar e nele avançar, ano após ano, na produção agrícola, no trabalho manual e na prática comercial. Assim, tornam-no contemporâneo.

A figura 2 permite verificar que o romance corrobora a ideia corrente de que a etnia alemã constituiu um povoamento isolado da sociedade já organizada na época, a da região da Campanha, formada por luso-brasileiros, negros e bugres, que até então determinava a economia do lugar com a produção do charque. Assim, a narrativa traz uma configuração homogênea da comunidade alemã.

O espaço da família protagonista

O escritor principia sua narrativa de *A ferro e fogo* com o desembarque dos Schneider na Real Feitoria do Linho Cânhamo, no Faxinal da Courita, hoje São Leopoldo. A família está na centralidade do romance, sendo, portanto, a protagonista da história. Reside nos principais espaços geográficos da história, representados na figura 3.



Figura 3 – Deslocamentos da família Schneider

Os Schneider permanecem um tempo na colônia e, sem progredir, acumuladas as dificuldades, partem para a fronteira oriental, na região da Cisplatina. O deslocamento provém de uma oferta de terras feita pelo alemão Cronhardt Gründling, que necessita instalar alguém na fronteira para receber e guardar as mercadorias que ele e seu amigo Schaeffer contrabandeiam. Ocorre, neste momento da narrativa, um dos principais deslocamentos de personagens: a saída da Colônia de São Leopoldo rumo ao Chuí. Ocorre, também, por essa ação, uma definição de protagonismo da narrativa: Catarina se impõe como personagem central, pois é sua a decisão de partir. Assim, ela ultrapassa a fronteira (LOTMAN, 2011) cujo acesso somente a ela é permitido na condição de heroína do romance.

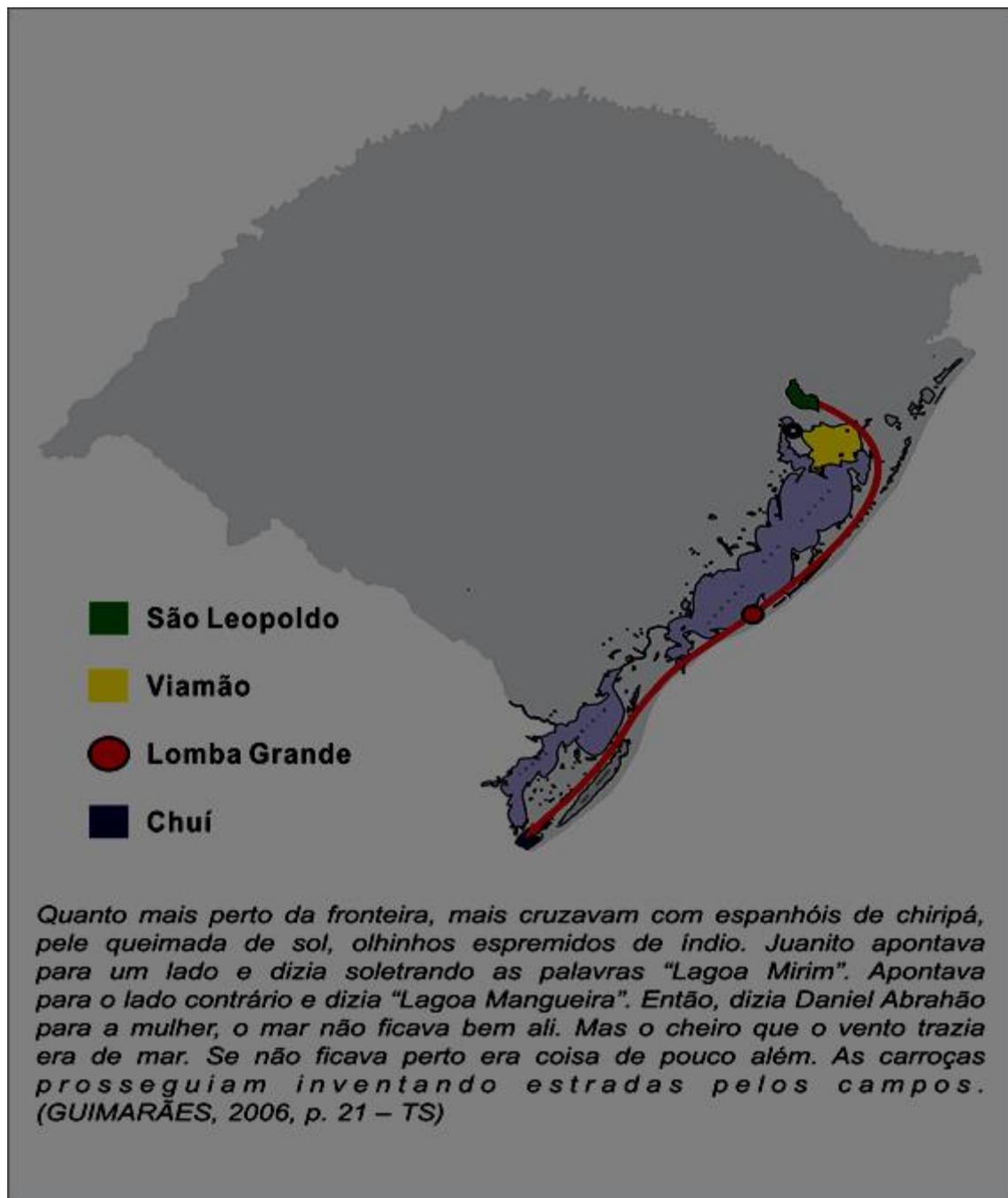


Figura 4. Percurso entre a Colônia de São Leopoldo a o Chuí

O caminho percorrido é amplamente desenhado: de São Leopoldo vai em direção a Viamão. Passa por estâncias, segue o caminho que leva para os lados de Rio Grande, atravessa a freguesia do Estreito e Bujuru, o arroio das Cabeças. Unindo esses pontos do caminho, só largos descampados, que deixam ver ao longe os sinais, pelas dunas, de que o mar está naquelas direções. Anda pela faixa do Albardão, sentindo o cheiro de maresia. Passa pelas lagoas Mirim e Mangueira até, finalmente, chegar ao destino.

Na travessia, o narrador registra a presença de espanhóis, os quais movimentam-se livremente em território brasileiro, encontrando-se com a comitiva dos alemães. Com essa opção narrativa, o escritor reforça a ideia de que a visão de fronteira externa fechada

é uma ilusão, é apenas documento entre governos. Além disso, antecipa a presença das personagens vilãs – espanhóis – que mais tarde, na estância, cometerão atos violentos contra a família Schneider, especialmente contra Catarina.

Uma grande figueira caracteriza o lugar em que se fixam, denominado Estância de Jerebatuba. Há também “pequenos capões de mato ralo, um olho d’água na beira de um banhado, um córrego minguado correndo pelo campo, sinuoso, cobra molhada cercada por arbustos mais encorpados” (GUIMARÃES, 2006, p. 21). Nesse cenário funda-se uma estância. A tarefa imediata que os aguarda é construir o rancho principal: “Paredes de varas trançadas, rebocadas de barro, cobertura de palha, duas peças” (GUIMARÃES, 2006, p. 21). Para os escravos herdeiros de Gründling, fazem outra choupana. Toma forma, assim, a uma longa distância da Colônia, uma outra ocupação espacial, ampliando a geografia que abarca as personagens imigrantes alemãs no Rio Grande do Sul.

Examinando a figura 4, percebemos que a composição do espaço na narrativa potencializa a ideia de isolamento. Esse recurso estrutural impulsiona as personagens para a entrega ao trabalho e à família, como se verifica com Catarina. Mas não só isso: indica a vulnerabilidade a que as povoações de fronteira ficavam submetidas. Fixar, temporariamente, a família protagonista no Chuí permite ao narrador contemplar a realidade de um território desprotegido em suas fronteiras.

Nesse espaço, as dificuldades e o sofrimento não vêm somente da luta no trabalho, mas também de algo alheio a qualquer sentimento e objetivo com que as personagens tinham decidido emigrar de seu estado germânico: as guerras que marcavam a região fronteira. Sua estância fica no caminho das tropas brasileiras e castelhanas que se movimentam na região em luta pela posse das terras e fixação das fronteiras. A presença dos invasores militares transforma cenários e sentimentos da família, causando, inevitavelmente, violências e perdas.

A primeira mudança decorreu da chegada dos castelhanos. Com isso, um espaço novo, insólito, passa a ser a morada do alemão dono da casa, Daniel Abraão: o poço de água, destacado na figura 5.

Diante da ameaça de violência contra o chefe da família, ação essa costumeira dos soldados que dominam a região, Catarina ordena que o marido desça para o poço, evitando, assim, seu enforcamento, fato por ela previsto. “Empurrou o marido atônito para os lados do poço. [...] – Desce pela corda e fica lá dentro. – E tu, Catarina, pelo amor de Deus, e tu? – Desce.” (GUIMARÃES, 2006, p. 31-32). Ela cuidaria do que viria a acontecer fora do poço. Às tropas, que logo chegam, indica, com gestos, já que não fala a língua deles, que o marido seguiu para o norte, para os lados de Rio Grande, preso por outra tropa de soldados.

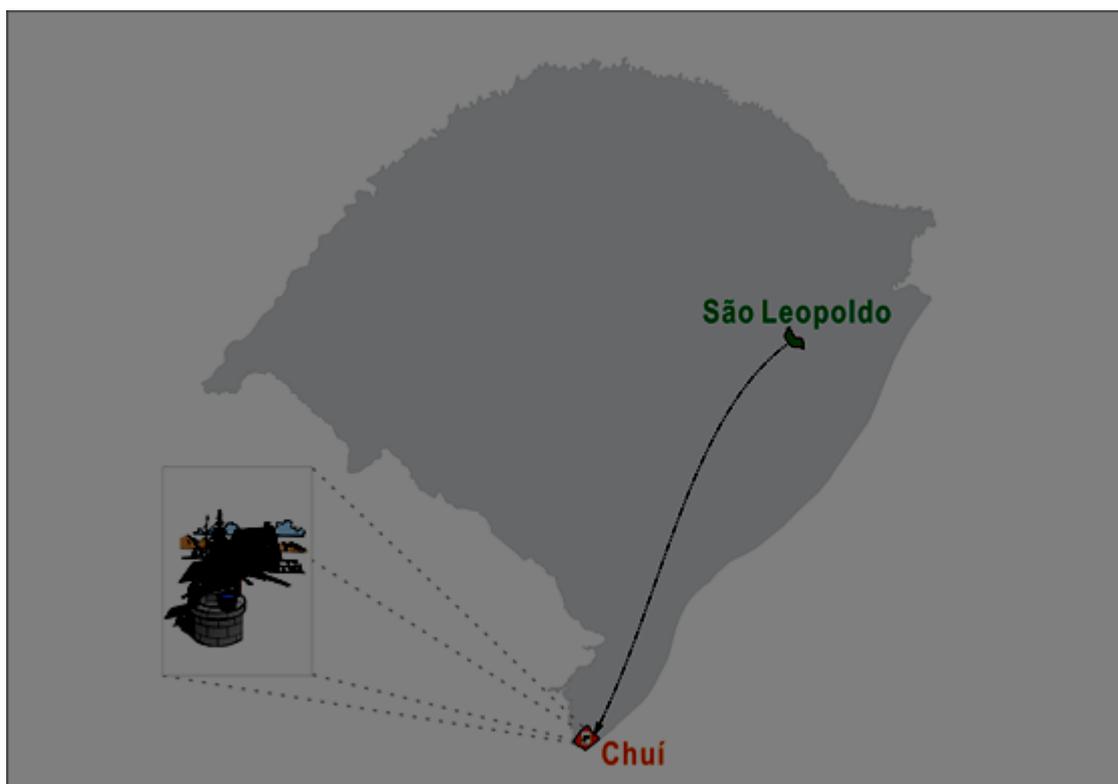


Figura 5. O poço

Os atos violentos da tropa, no entanto, não foram evitados. No galpão, descobrem um arsenal de espingardas – essa é a mercadoria negociada por Gründling que Daniel Abraão recebia em sua estância sem saber, pois apenas via os caixotes lacrados sendo depositados e, logo depois, carregados por alemães de São Leopoldo – e passam a espancar o índio, exigindo-lhe explicações. Catarina, que assume a função de enfrentar todo o problema e de se preocupar com a sobrevivência da família, fica exposta e é violentada sucessivas vezes por esses soldados. Mais tarde, é atacada e abusada também pelos soldados brasileiros que por ali passam. Ora, o lugar é desguarnecido, porque é um descampado, isolado. Nele, exércitos agem livremente, praticando o poder que lhes convêm e espalhando, assim, o terror entre quem está na sua trilha. Também é o espaço permissivo para negociações ilícitas, já que não conta com fiscalização de governo.

A permanência dos soldados nas proximidades da casa condiciona Daniel Abraão a permanecer no poço por um longo período. Para tanto, o buraco vai, aos poucos, sendo adaptado para se tornar uma morada habitável. Sua condição lá embaixo é semelhante à de um tatu: cava e cava; crava as unhas nos vãos das pedras; ao falar, grunhe ou rosna; fica dentro da caverna com as pernas encolhidas, curvado como um feto.

A acomodação da personagem, seguida de uma resignação à sua condição de vida, acaba acontecendo: “Daniel cavara mais, escorara as paredes e já podia dormir com as pernas estendidas. Tinha até o conforto de garrafas com água, charque cozido e pão” (GUIMARÃES, 2006, p. 39). E quando os soldados castelhanos vão para a fronteira, esvaziando o lugar, ao invés de abandonar o buraco e voltar à superfície, ele diz a Catarina que a morada está boa, que ela não se preocupe, já consegue até ficar sentado. A partir de então, a geografia da superfície deixa de interferir no desenvolvimento da trajetória dessa personagem. O sentido de sua existência se constrói no interior da terra: “Sua vida

ganhava, agora, uma nova rotina. [...]. Conseguia dormir no seco, sentindo o corpo murcho e os membros lassos. Como um bicho. Lembrou-se da frase de Gründling ‘cavar a terra como uma toupeira’. Um verme” (GUIMARÃES, 2006, p. 39).

A outra tropa que aparece na estância é de soldados brasileiros, os quais procuram por um certo fugido de São Leopoldo que trafica armas para os castelhanos, um tal de Schneider. Como não o encontram, deixam dito, antes de partir, que, se o encontrarem, ele será passado pelas armas. Diante disso, Catarina avalia que, por enquanto, a solução é o marido permanecer no poço. A estância ainda receberia mais tropas em combate: “Ainda não era bem uma guerra. Os piquetes avançados dos castelhanos invadiam a terra gaúcha, eram enxotados pelos batalhões que partiam de Rio Grande. Arrebanhavam mais soldados, corriam com os brasileiros. A terra de ninguém era, ora de um, ora de outro bando” (GUIMARÃES, 2006, p. 42).

Essa é a referência à guerra Cisplatina, que ocorreu de fato entre 1825 e 1828, envolvendo o Brasil e a Argentina na disputa do atual Uruguai. Com ela se inicia a participação dos colonos alemães no exército brasileiro.

Valentim Oestereich, de São Leopoldo, servindo ao exército brasileiro na Cisplatina, passa pela estância e, ao terminar a guerra, negocia a morada com Catarina. Ela lhe deixa a terra no Chuí e ele lhe dá uma casa em São Leopoldo. Catarina entusiasma-se pelo negócio depois de ouvir de Oestereich que os soldados ansiavam por voltar às suas casas, rever filhos, mulher, amigos. Com o relato, ela sente algo que, depois de se estabelecer na estância, mesmo com o sofrimento que as tropas lhes haviam causado, jamais imaginou sentir: voltar para São Leopoldo, o seu local de destino quando emigrara, manifestando um desejo de integrar-se aos seus e participar daquela vida em comunidade. Assim, à vontade de nunca abandonar a estância, onde tanto trabalhou e muitas coisas construiu, sobrepõe-se a desmotivação de ali permanecer. “Lutei o que pude por estas terras, jurei a mim mesma que daqui ninguém me arrancaria com vida. Hoje, não vejo mais motivos para isso” (GUIMARÃES, 2006, p. 99), afirma.

É mais um recomeço. A família de Catarina passa a morar novamente em São Leopoldo (ver figura 3), na rua do Sacramento, sem número, numa casinha de pau-a-pique, duas janelas e uma porta, paredes caiadas de branco, tudo muito pequeno. Por isso, a primeira providência, tomada pela mulher, visto que o marido só fica acuado, é aumentar a casa e construir um abrigo para os negros que permanecem com eles; ainda, um galpão para as carroças. Junto à casa funciona uma oficina, na qual o marido passa a trabalhar, produzindo serigotes, carroças.

Daniel Abrahão não consegue mais dormir sobre a terra. Com esse comportamento da personagem, o espaço da caverna é mantido na narrativa:

Num pedaço de chão do telheiro, Daniel Abrahão cavou um grande buraco, fez sobre ele uma cobertura de madeira e bem ao centro engendrou uma porta de alçapão. Catarina nem perguntou para que serviria aquele buraco. Sabia muito bem. Pronta a nova toca, o marido cobria o fundo com palha seca, ajeitou uma cama com varas finas de eucalipto, forrou o tramado com um grosso cobertor, encheu uma fronha com feno, escondeu lá embaixo suas varas-calendário, suas pedras trazidas de Jerebatuba, seu lampiãozinho de óleo de peixe. Acabado o dia, lá se enfunava ele, tomando o cuidado de prender a porta do alçapão por dentro (GUIMARÃES, 2006, p. 119).

Muitos anos depois, quando a família Schneider já agrega genros, noras e netos,

Daniel Abrahão continua morando debaixo da terra. E quando Catarina resolve derrubar a casa bastante velha e, no mesmo lugar, construir outra, ele avisa: “que se fizesse a casa dali para a frente, daquele lado para o outro, que não tocassem na sua moradia, só ele e Deus sabiam por que a sua casa era aquela, viessem os tempos que viessem” (GUIMARÃES, 2006, p. 169).

O poço – caverna- é o abrigo que protege a personagem das oscilações do espaço coletivo, que lhe é insuportável. Ali é um lugar silencioso e imóvel. Só no poço ele tem a sensação de ordem e quietude de que necessita para o seu mundo isolado. Nesse sentido, a dependência do espaço fechado é um elemento fundamental da estrutura narrativa. Josué precisa manter Daniel Abrahão no poço para que Catarina se fortaleça. Assim, constrói o enredo com a força que emerge do contraste das ações vividas no espaço aberto e “transformado” por Catarina com as do espaço fechado e “adaptado” de seu marido.

Na nova casa, o poço é eliminado. Nessa mudança de rumo da narrativa está a completude da vivência do casal. Catarina e Daniel Abrahão são o que são por força das circunstâncias sob as quais viveram. No final sabemos que, se Catarina for excluída do enredo, Daniel desaparece.

Como podemos ver na figura 6, o lugar de Daniel Abrahão agora passa a ser o Morro Ferrabrás, junto a Jacobina Maurer, sendo-lhe servil no ensino da leitura e interpretação da Bíblia. Comprometido em seu raciocínio por um fanatismo religioso, representa a essência da comunidade messiânica que, alguns anos mais tarde, ficará estabelecida no Morro.

Assim, o seu mundo fechado, feito da repetição de gestos mecânicos e pragmáticos, é completado com a visão unilateral de salvação, numa devoção sem medida a Deus. O novo espaço, embora seja em cima da terra, não tem o significado de abertura e inserção social para a personagem, pois essa assume uma missão dentro de uma prática de fanatismo religioso, o que acaba intensificando a sua reclusão do contexto social. Sua convivência será com os pares que socializam o mesmo pensamento e as mesmas crenças, e não com as adversidades. Esse final de narrativa anuncia o início de outra: a que narraria a vivência da família Schneider, e as consequências disso na comunidade formada no Morro Ferrabrás.

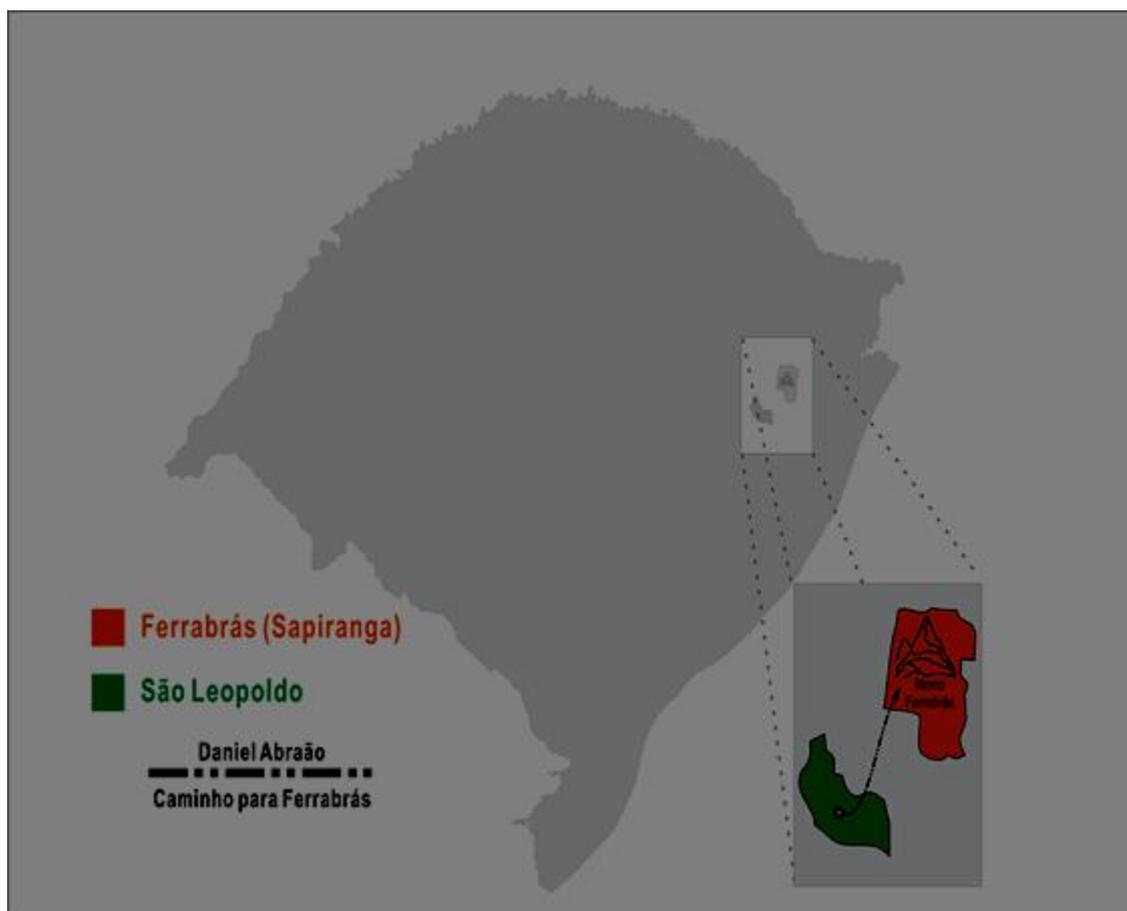


Figura 6. Da Colônia de São Leopoldo a Ferrabrás

Conclusão

Guimarães encontrou sua versão de abordagem da colonização. Ao mesmo tempo em que, relativamente ao espaço geográfico da colonização, dialoga com os romancistas que o antecederam na escrita sobre imigração alemã, também, em parte, distancia-se deles. Assim, dialoga com Caldre e Fião, Vivaldo Coaracy, Vianna Moog e Erico Verissimo ao manter a colônia de São Leopoldo e a cidade de Porto Alegre como espaços centrais da narrativa e se distancia deles ao introduzir o espaço do Chuí. Esse novo espaço é o elemento essencial para estruturar o enredo na dimensão dramática e trágica da história: o descampado condena a família protagonista ao isolamento e, conseqüentemente, à violência dos soldados.

Todo o universo do romance organiza-se em torno de dois eixos, representados pelos Schneider: família e trabalho. Assim se constrói o espaço socioeconômico de *A ferro e fogo*, baseando-se nos indícios que o autor fornece, tais como a força dos laços entre pais e filhos, os casamentos étnicos, o cultivo da terra, a comercialização dos produtos, o trabalho manual.

Os eixos estruturantes exercem atrações e repulsões no enredo, proporcionando um efeito dramático às ações das personagens. Família e trabalho braçal são responsáveis pelo heroísmo, enquanto que a ausência de ambos leva à vida de vilão e, fatalmente, ao sofrimento como uma forma de castigo. As trajetórias das personagens são, portanto, determinadas pela relação entre as forças dos dois eixos.

A ferro e fogo dá forma a um espaço marcado por embates do homem com a natureza, do homem consigo mesmo e dos homens entre si. Josué recria imagens originárias de São Leopoldo e redondezas, da fronteira oriental e de Porto Alegre. Também, num entrelaçamento da história (guerras) com a geografia (o descampado da fronteira), estrutura as passagens literárias que remetem à memória da participação dos alemães nas disputas dos países sulinos para fixar as fronteiras de cada um: Brasil, Uruguai e Paraguai.

A geografia literária que é construída no romance ilustra o espaço e o tempo primitivos da colonização alemã no Rio Grande do Sul, que a História reconhece como determinantes nos rumos da agricultura, do comércio e da indústria do estado. Nesse sentido, os mapas mostram os aspectos textuais que qualificam a narrativa como uma epopeia da colonização, narrando o drama de uma população que busca fazer a sua história na relação com a terra, movida por determinação, trabalho e organização familiar. Mostram também imagens dos estrangeiros imigrantes no espaço estrangeiro por eles formado dentro do Rio Grande do Sul. E essa é uma evidente questão de identidade.

A identidade se mostra, de alguma forma, em todos os mapas, pois os aspectos textuais selecionados para elaborá-los são permeados por conceitos de família, trabalho, língua, os quais se tornam categorias fundamentais para se reconhecer o pertencimento de um grupo a uma determinada etnia. Nesse sentido, percebemos que Josué formulou uma questão fundamental para se interpretar a imigração alemã no Rio Grande do Sul: integrar e conviver ou diluir e perder a identidade?

REFERÊNCIAS

- GUIMARÃES, J. *A ferro e fogo: tempo de solidão*. Rio de Janeiro: Sabiá, 1972. 228 p.
- _____. *A ferro e fogo: tempo de guerra*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975. 272 p.
- HOHLFELDT, A. Uma perspectiva protestante da colonização do Rio Grande. In: REMÉDIOS, M. L. (org.). *Josué Guimarães: o autor e sua ficção*. Porto Alegre: Edipucrs, 1997. p. 65-73.
- LOTMAN, I. *Estructura del texto artístico*. Madrid: Akal Ediciones, 2011. 368 p.
- MARTINS, D. S. A posição de Josué Guimarães na literatura sulina. In: REMÉDIOS, M. L. (org.). *Josué Guimarães: o autor e sua ficção*. Porto Alegre: Edipucrs, 1997. p. 17-26.
- MORETTI, F. *Atlas do romance europeu: 1800-1900*. São Paulo: Boitempo, 2003. 216 p.
- PAES, J. P. *Canaã e o ideário modernista*. São Paulo: Edusp, 1992. 120 p.

Recebido em: 20/09/2015

Aprovado em: 11/02/2016